

PATRIOTA

Os srs. Assignantes, cujas assignaturas findaram sem 12 de Abril, queiram mandar satisfazer o seu importe.

BATALHÕES.



BATALHÃO da calça já não existe! morreu! Chorai Barreiros, chorai. Este batalhão de voluntarios agarrados a cordel, espichou! Chorai Barreiros, chorai. Este batalhão de patuléas foi dissolvido! Os soldados calças eram do povo, e os ministros, que se querem popularisar a toda a pressa zangam que o povo assista armado a esse acto! Foi-se a calça, e atraz della irão mais alguns batalhões.

Que será desses distinctos coroneis pacovios, que por ahí transitam, se continuar o desarmamento!

Dizem os governantes (e dizem bem) que os batalhões fazem melhor serviço sem armas do que com ellas, porque o diabo já carregou uma tranca, e agora é muito melhor que todos estejam desarmados.

Governantes, assim nunca os viu a Europa. Oh governantes, nós vos abraçamos, e como Santo Agostinho dizemos — Albarde-se o burro á vontade de seu dono. —

Governantes, continuem a governar. Governantes deitai, as barbas de molho. Dá cá o pé men louro.

Quem passa! E' elrei que vai á caça. Nesse caso haja união entre toda a familia portugueza.

- Vivam os governantes! Viva a maioria! Viva a republica! Viva João Elias! Viva o mão de ferro! Viva José dos conegos.

Abraçemo-nos todos, e vamos unidos como irmãos tocar zabumba para casa do padre Adulterio.

CONCESSÕES.



MUITO nobre e muito distincta camara municipal da cidade de Lisboa acaba de dar uma sincera lição aos nossos governantes.

Tinhamos nós censurado burlescamente o ter a camara mandado gravar na calçada á entrada do passeio publico as duas iniciaes — C. M. — Apeenas a camara leu o supplemento, mudou de cor e mandou arrancar as duas letras.

Esta concessão inesperada mostra quanto a camara respeita a opinião publica, e estamos nós tão penhorados por esta deliberação da camara, que lhe perdoamos a póda dos loureiros, e promettemos ir em pessoa plantar em seu logar viçosas arvores da liberdade. Vamos mais longe ainda: concedemos quinze dias de armistício á nobre camara, e seremos os primeiros a apregoar, que o municipio de Lisboa tem bem merecido da patria e do supplemento!!

Arrancar as duas iniciaes C. M. foi para a camara mais doloroso do que se lhe arrancassem dois dentes queixaes.

Honra á camara municipal de Lisboa! Gloria á mesma camara e pater noster pela dita cuja, sobre dita camara.

A partida.

Oh tu que tens de humano o gesto e feito A estes marmanjos tem respeito. (IGNEZ DE CASTRO.)



PARTIU o conde de tomar, foi para as Hespanhas, foi abraçar os filhinhos!!

Nunca se viu ternura paternal assim! O conde de tomar é um basbaque pelas creanças e pela familia; não pôde estar ausente dos seus por muito tempo.

Louvretes pois a esta alma bem formada, a este coração paterno, a este ente sensível.

Não faltam porém linguas damnadas que digam, que o homem não fóra abraçar os rapazes, mas sim arranjar grande pouca vergonha com o ex-duque de Montpensier.

Pouco cuidado nos dá essa marosca, por que realmente estamos descansadissimos sobre a futura sorte de todos os duques.

A cousa vai para diante, e já ninguem lhe dá volta; hão-de roela.

O que nos faz rir é haver por ahí tanto asno, que tenha fé nas intrigas do pobre Antóthio; coitados! d'elles é o reino do céo.

Ora pois, converse o conde de tomar á sua vontade com o pobre duquesito; arranjem mesmo com o Narvaez quantas intervenções quizerem, que tudo isso dá em agua de bacalhão.

O que nós aconselhamos ao conde de tomar, e mesino a grande numero de patuscos hespanhoes, é que tenham as malas promptas para o que der e vier; por que o tragla perro não está longe.

OS TRINTA CONTOS DE RÉIS.



CONDE de tomar ao partir para a sua gloriosa expedição recebem em dinheiro seis contos de réis, e em letras vinte e quatro contos.

Vai a Sevilha ter uma conferencia com o ex-duque de Montpensier.

Estes dois grandes politicos vão decidir da futura sorte da Peninsula.

Povo! deixam-te morrer de fome, e dão-se trinta contos de réis para te massacrares.

Povo! Dão-se trinta contos de réis para seres cacetado!

Povo! Roubam-te trinta contos de réis para seres esfolado!

Povo! Estás a roer n'um osso, e gastam-se trinta contos de réis, para te fazerem roer ainda cousa mais dura!

Povo! Promettem-te concessões, e mandam o conde de tomar a Hespanha com trinta contos de réis para que o Narvaez te venha fuzilar.

Povo! Não te assustés, por que o conde de tomar não dá conta do recado; rouba os trinta contos e compra um castello em Hespanha.

AO PAIZ.



IMPENETRÁVEIS são os decretos da Divina Providencia, e bem longe estava eu, quando annunciavi ao meu paiz, que um dia esmagaria a hydra revolucionaria com mão de ferro; que tão cedo teria de realisar esse solemne voto!

Esperava que essa hydra levantasse o focinho em Portugal, porém ella entregue ás doçuras domesticas não sabe da tóca.

Tenho de ausentar-me de vós portuguezes; porque a hydra revolucionaria acaba de apparecer em Napoles, na terra do Vesuvio e do Marcarfoni!

O novo ministro da guerra, daquelle paiz de anarchistas, chama-se..... estremeço de horror!... chama-se — Dragonete!...

Quer dizer — Dragão pequeno. —

Dragão é hydra de sete cabeças, e eu na presença do que vos prometi não posso deixar de ir até Napoles esmagar o Dragonete com mão de ferro!

Portuguezes! no momento de me separar de vós, peço-vos uma Ave-Maria, para que a minha viagem seja feliz; e se durante a minha ausencia alguma logarticha revolucionaria levantar altiva o collo, cá vos fica o Lapa para lhe cortar o rabo!

Portuguezes! com a ajuda de Santo Ignacio de Loyola, padroeiro da religiosissima companhia dos jesuitas, conto, espero e confio esmagar de uma vez para sempre o ministro da guerra napolitano, que para me escarnecer, chamando-se talvez João ou Mancel, mudou o nome para Dragonete.

Portuguezes! viva a santa religião, viva santo Ignacio de Loyola, e morra a hydra revolucionaria.

Amen.

O Mão de ferro.

PROTOCOLO

Da conferencia celebrada no Poço Novo no dia 25 de Abril de 1848, pelo ex.º José dos Conegos, e grande numero de distinctos chibos da maioria.



ERDO-SE reunido em conferencia por convite do Ex.º José dos Conegos, os chibos mais lanzudos da maioria, declarou este, que por toda a parte a mostarda ia chegando ao nariz dos povos, que podia muito bem acontecer que os Portuguezes abrissem os olhos, e se decidissem a fazer alguma estroinice, e que por isso

bom seria acatular, ou por outra, tomar providencias para o que der e vier; em virtude do que offeretia á sanção dos illustres barbi-corni-

Impriedes felipudos presentes o seguinte projecto de protocolo:

Artigo 1.º Os cabralistas, no momento de qualquer manifestação contra os institucões que felizmente nos regem, devem proclamar a republica.

Artigo 2.º Proclamada a republica pelos cabralistas, será encarregado o illustre Giraldes do Porto de organisar batalhões de caceteiros inamovíveis para sustentarem a independencia nacional da republica.

Artigo 3.º Serão sequestrados os bens dos cartistas, que não abraçarem a republica; e as suas fortunas ficarão provisoriamente á disposição d'elle José dos conegos.

Artigo 4.º Nomear-se-ha presidente da republica cabralina, pessoa que professe os verdadeiros principios do comunismo, venha a nós; e que seja julgada pela opinião publica como amigo do aliecio.

Artigo 5.º A republica cabralina será absoluta, e permite a cada um de seus membros o roubar o mais que poder, para o bem commun de todos os seus membros.

Artigo 6.º Proclamada a republica em todo o reino serão plantadas arvores da liberdade no passeio publico de Lisboa, cujos troncos poderão de futuro servir de cacetes aos liectores da mesma republica.

Lisboa 25 de Abril de 1848.

José dos conegos.

**Conselho.**



ENTRO em pouco vai á scena em S. Carlos a famosa opera o — Deserto. — Nella devem figurar camellos, e parece que o sr. Vicente Corradini os não encontra em parte alguma. Aconselhamo-lles que alugue deputados da maioria, pois farão o mesmo

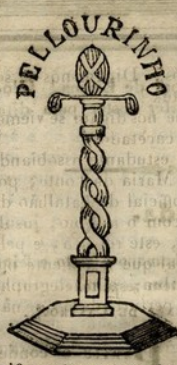
effeito.

**Estado de Mercado.**

Mão de ferro. — Pelo preço da mão de vaca.



invicto lido visitar S. Ex.º o duque de Palmella, declarou descaradamente, que o conde de tomar já não era cabralista!  
Quando fará o invicto declaração de não ser Saldanhista?



IDA do conde de tomar a Hespanha tem por fim pedir a intervenção daquelle paiz para sustentar a independencia nacional, caso nos queiramos tornar independentes de ladrões.

— A corda quebra sempre pelo mais fraco.

Por isso vai quebrando pelos reis.

— P. Onde acabou mais tarde o officio das trevas?

R. Em S. Bento.

P. Quem cantou a antífona de pecunia in adjutorium nostrum?

R. Foi o lado dos conegos.

P. Que fez a opposição?

R. Contemplou o mysterio.

— Appareceu um novo jornal; — O Popular — pertende popularisar o cabralismo. O sacerdote, que o redige, prega aos hereges.

— Que é o maior monumento da Europa levantado ao deus do roubo?

O palacio da calçada da Estrella.

— A camara dos deputados decidiu que o

artigo 63 da enta constitucional era inconstitucional; e o Reis costelleita declarou que era tóxo!

**ANNUNCIOS**



ONSTANDO-NOS oficialmente que grande numero de deputados da maioria desejam tornar-se republicanos, impondo per condição unica, e sine qua non, o conservarem os empregos; e desejando nós aproveitar os serviços de tão distinctas camellos, declaramos para intelligencia dos mesmos, que na redacção do Supplemento estará desde hoje patente um livro de matricula, onde os ditos deputados poderão inscrever os seus nomes até o dia 8 de Maio proximo, para se lhe poderem mandar fazer bonets rouges; pois desse dia em diante nem um será recebido, por ter de se proceder ao alistamento de grande numero de empregados que pertendem fraternisar.

Adverte-se que se não aceita o recta-pronunciar, por não ter cabeça e só sim coraçao, o que o inhabilita de usar de bonet rouge.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.

1848.



de Francisco